

1

Introdução

Avô do tempo: diário de um meteorologista

La histoire sociale ne sert de textes que pour en déduire des faits et des mouvements, qui ne sont pas contenus dans les textes eux-mêmes. Des textes et les situations spécifiques qui les ont fait naître n'ont dans ce cadre de recherche qu'une fonction de référence¹.

Reinhart Koselleck

O diário de Joaquim de Sampaio Ferraz foi a fonte e o objeto desta dissertação de mestrado em História Social da Cultura.

A partir dos vinte e oito volumes deixados por ele e durante quarenta anos preservados por sua filha Haydée Marcondes Godoy, foi possível desenvolver o trabalho, seguindo os passos descritos por Michel de Certeau². Separei e reuni objetos transformando-os em documentos. Distribuí-os de forma diferente mudando ao mesmo tempo o seu lugar e seu estatuto.

Ainda segundo Certeau, o gesto consistiu em “isolar” um corpo, como se faz em Física, e em “desfigurar” as coisas para construí-las como peças que preenchem lacunas de um conjunto, proposto a priori.

Li os diários, recolhi e selecionei fotos e documentos, separei e reuni objetos distribuindo-os de outra maneira, elegi um período determinado de tempo para trabalhar. O trabalho consistiu numa operação técnica e não apenas do efeito de um “olhar”.

Assim como o autor dos diários, fui também sua editora, na medida em que, como ele, selecionei os acontecimentos e sentimentos transformando-os em *O Avô do tempo: diário de um meteorologista* (1900-1940).

O longo período em que foram produzidos (1900-1966) me permitiu ver os diários com suas fragmentações, suas interrupções, seus silêncios e nunca como uma produção monolítica.

¹ A história social utiliza os textos para deduzir os fatos e os movimentos que não estão contidos nos próprios textos. Os textos e as situações específicas que lhes deram origem têm uma função, apenas, de referência. (tradução da autora).

² CERTEAU, M., *A Escrita da História*, p 83.

O personagem criado pelo autor evoluiu, amadureceu, envelheceu, deixou transparecer o descontínuo da vida e das emoções.

Gradualmente fui construindo o trabalho, a partir das hipóteses propostas a priori e de bibliografia sobre o assunto. Além dos diários, usei como fontes textos de autoria de Sampaio Ferraz, alguns documentos particulares, como cartas e bilhetes, assim como numerosas entrevistas informais com quatro de seus filhos: Helena Schrader, hoje aos 99 anos; Haydée Godoy, falecida em outubro de 2004 aos 93 anos; Mário Sampaio Ferraz, aos 89 anos e Carmem Bastos, aos 86 anos.

O autor é um meteorologista, um homem introvertido, um cientista que levou a vida voltada para os estudos. Nasceu em 28 de novembro de 1882, no Rio de Janeiro, era filho de João Baptista de Sampaio Ferraz, bacharel em Direito, promotor público, duas vezes chefe de polícia do Governo Republicano e deputado em duas legislaturas. Sua mãe, Elisa Vidal Leite Ribeiro, era filha de Joaquim Vidal Leite Ribeiro, Barão de Itamarandiba, homem de posição de destaque na sociedade imperial.

A formação de nível médio de Joaquim de Sampaio Ferraz foi feita no colégio Universitário Fluminense no Rio de Janeiro e no Ginásio Mineiro em Barbacena, Minas Gerais, tendo completado a mesma na Inglaterra, no Saint Edmund's College, Hertfordshire (1895). Fez sua formação técnica (curso de engenharia civil) no Merchant Venturer's Technical College, Bristol, na Inglaterra (1896-1900). O estágio foi feito na Western Electric Company, em Chicago (1901-1903), numa área pioneira de engenharia elétrica.

Engenheiro-auxiliar na construção das obras do porto do Rio de Janeiro, com a firma empreiteira C. H. Walker & Cia. (1904-1907), trabalhou também na construção das obras do porto de Belém, Pará, com a firma empreiteira S. Pearson & Co. (1907-1908).

Entrou para o Observatório Nacional, no Rio de Janeiro em 1909, no posto de assistente de segunda classe (Meteorologia), função inadequada à sua qualificação profissional, só tendo sido promovido após viagem de especialização e permanência prolongada em Bruxelas, onde publicou *Instruções meteorológicas*, em dois volumes, em 1914.

Foi o iniciador das primeiras cartas sinóticas brasileiras e de previsões do tempo racionais para o Rio de Janeiro, em 1915. Dirigiu o novo e o autônomo Instituto de Meteorologia, criado em 1921, no governo de Epitácio Pessoa,

aposentando-se precocemente em 1931. Trabalhou como consultor metereológico das companhias do grupo Light de 1936 a 1962. Foi também consultor técnico de climatologia dos Conselhos, Nacionais, de Geografia e Estatística, de 1938 em diante. Foi membro de diversas comissões da Organização Meteorológica Internacional.

Publicou numerosos trabalhos científicos na área de sua especialização, sendo os mais importantes:

- *Segundo Ano Polar Internacional - Projeto de Cooperação do Brasil*, pelo Ministério da Agricultura, em 1931. Trabalho que lhe valeu a distinção e o reconhecimento ao dar o seu nome a uma ilha na Antártica.
- *Meteorologia Brasileira*, da Coleção Brasileira, pela companhia Editora Nacional, 1ª edição, em 1934.
- *Solar Activity and Rainfall in Southeastern-Brazil*. Memória apresentada no XVIII Congresso Internacional de Geografia, realizado em agosto de 1956, no Rio de Janeiro e publicada no 2º volume dos Anais do Congresso, distribuído em 1964³.

De seus gabinetes de trabalho descreveu a vida tentando controlar o tempo nas páginas de seus diários.

Ao analisarmos a obra como um todo, percebemos a modificação do dimensionamento do “campo de experiência e do horizonte de expectativas” ao longo dos 66 anos trabalhados.

Segundo Reinhart Koselleck, campo de experiência e horizonte de expectativas são categorias históricas que, entrecruzando, como o fazem, passado e futuro, estão perfeitamente aptas a “tematizar” os tempos históricos. Trata-se de categorias de conhecimento capazes de ajudar a fundar a possibilidade de uma história constituída por experiências vividas e expectativas dos homens no decorrer de suas vidas.

Categorias como campo de experiência e horizonte de expectativas foram empregadas na elaboração do trabalho, assim como o conceito de prognóstico, presente em todos os diários.

³ As notas biográficas foram deixadas pelo autor dos diários devidamente datilografadas.

Além de escrever metódica e disciplinadamente, prevaleceu a preocupação de Sampaio Ferraz em ordenar os volumes, fazer remissivas, articular os diários com outras formas de arquivamento da memória, além de sublinhar e censurar algumas passagens.

A importância dos diários e outras escritas de si, como objeto de História Social, data de poucas décadas. No Brasil, podemos balizar o debate gerado pelo assunto a partir do Seminário Internacional sobre arquivos pessoais, realizado em 1997 e promovido pelo Centro de Pesquisas e Documentação de História Contemporânea (CPDOC) da Fundação Getúlio Vargas (FGV) e pelo Instituto de Estudos Brasileiros (IEB) da Universidade de São Paulo. Especialistas de várias formações produziram textos que foram mais tarde organizados e publicados por Ângela Castro Gomes (2004)⁴.

A motivação pelos diários vem originando o aparecimento de organizações nacionais e internacionais voltadas para a “memorialística diarística” e a autobiografia, como é o caso do Archivio Diarístico Nazionale, em Pievi, na Itália, e da Associação Européia para Autobiografia (ACA), fundada em 1998.

Cartas, diários íntimos e memórias ganharam um reconhecimento e visibilidades maiores, tanto no mercado editorial como na academia, mas ainda são poucos os estudos que se dedicam à reflexão sistemática sobre o tema no Brasil.

Pierre Nora considerava, já em 1984, que os diários eram a possibilidade de ter acesso ao cotidiano do passado, o único meio de nos restituir a lentidão da vida e o sabor das coisas. “Como não ler nessas bulas do passado que nos fornecem tantos estudos de micro-história a vontade de igualar a história que reconstituímos à história que vivemos?”⁵.

Agnes Heller desenvolve em *Sociologia de la vida cotidiana* um trabalho consistente em que conceitua em sua primeira parte: vida cotidiana, homem particular, motivações particulares, individualidade.

Segundo ela:

⁴ GOMES, A. C. (Org.), *Escrita de si, escrita da história*.

⁵ NORA, P., *Entre memoire et histoire: la problématique des lieux*, p. 28. In: *Les lieux de memoire*.

“Ninguna sociedad puede existir sin que el hombre particular se reproduzca, así como nadie puede existir sin reproducirse simplemente. Por consiguiente, en toda sociedad hay una vida y todo hombre, sea cual sea su lugar ocupado en la división social del trabajo, tiene una vida cotidiana. Sin embargo, esto no quiere decir de ningún modo que el contenido y la estructura de la vida cotidiana sean idénticos en toda sociedad y para toda persona”⁶.

Assim, acreditamos que, ao desenvolver esta dissertação de mestrado a partir de um diário, estamos contribuindo para desvendar um pouco mais sobre a riqueza da fonte e também a possibilidade de trabalhá-la, aprofundando o conhecimento da vida cotidiana de um indivíduo e de sua época.

Houve uma preferência em pôr em destaque o período de 1900 a 1940, fase do autor em que ele mostra sua vitalidade, sua vontade de intervir na vida, em alavancar com seu trabalho a sociedade para o progresso.

Neste período o campo da experiência é um campo em construção que cruza com um amplo horizonte de expectativas não apenas no plano pessoal, mas também tendo em vista o tempo em que viveu.

O início de sua vida profissional coincide com a virada do século XX, época de grandes transformações. A escolha pela meteorologia diz muito a respeito dos conceitos de tempo, controle, precisão, rigor científico, prognóstico e previsão.

O futuro para a geração de Sampaio Ferraz está marcado pelo conceito de progresso; o horizonte de expectativas se alarga e se instrumentaliza com planejamentos de curto e médio prazo.

Em meados do século XX, o mundo mudou, as perspectivas são outras e o autor enfrenta a velhice com a energia diminuída pelos anos e pelas dificuldades e pelas decepções.

Procuramos entender os diário de Sampaio Ferraz como uma evidência no processo de individualização, em que diversos tempos se entrecruzam, determinam o cotidiano e fazem parte do controle da vida.

⁶ “Nenhuma sociedade pode existir sem que o homem particular se reproduza, assim como ninguém pode existir sem simplesmente reproduzir-se. Por conseguinte, em toda sociedade há uma vida e todo homem, seja qual for o lugar que ocupe na divisão social do trabalho, tem vida cotidiana. No entanto, isso não quer dizer que o conteúdo e a estrutura da vida cotidiana sejam idênticos em toda a sociedade para todas as pessoas” (tradução da autora). HELLER, A., *Sociologia de la vida cotidiana*.

Agnes Heller considera que o tempo e o espaço da vida cotidiana são antropocêntricos. O tempo particular é um tempo linear, tempo de nossas vidas cotidianas, influenciadas pelo tempo público e pelas mudanças no ritmo do tempo.

Segundo Ágnes Sélzer:

“La aceleración del ritmo histórico hace, ante de todo, que la vida de los hombres dentro de una generación (a veces incluso más frecuentemente) se transforme, que hombre en el curso de su vida se halle frente a situaciones cada vez nuevas⁷”.

Uma das hipóteses desenvolvidas é a de que o autor teve a intenção de fazer mais que um livro de assentos ou “um companheiro adequado para uma memória fraca”, como poderia parecer à primeira vista. Pretendeu através desta *escrita de si* ou *escrita da prima persona* registrar a vida como forma de controlar o tempo. Controlar o tempo de sua vida, dos seus familiares, e, por opção profissional, o tempo atmosférico.

O diário é um retrato posado do personagem construído pelo autor/editor com o qual buscou perpetuar-se para a sua família; ele, seus valores, seu saber cotidiano.

A outra hipótese desenvolvida é de que o diário reflete a cenestesia interna ou a busca por uma meteorologia interna do corpo.

O primeiro capítulo fala das razões mais genéricas que motivaram o desenvolvimento da escrita de si, no caso, os diários.

O segundo trabalha a questão do tempo, os tempos do diário, a vertigem do tempo e a tomada de consciência de sua aceleração na virada do século XX, quando o diário de Sampaio Ferraz começa a ser escrito.

O terceiro e último capítulo faz um inventário do tempo, do que foi possível aprofundar no estudo das redes de sociabilidade.

Ler os diários, fazer deles objeto de estudo, significa uma oportunidade para contribuir um pouco mais para a construção de uma História Social do século XX no Brasil, através da escrita de si de um cidadão urbano, de classe média, profissional liberal, funcionário público, pai de família.

O grande desafio, contudo, foi sempre procurar estabelecer um distanciamento das fontes e objetos de estudo.

⁷ A aceleração do ritmo histórico faz com que, antes de tudo, a vida dos homens dentro de uma geração (às vezes mais frequentes) se transforme, o homem no decorrer de sua vida se coloque em situações cada vez mais novas. (tradução da autora). HELLER, A., *Sociologia de la vida cotidiana*, p 644.

De acordo com Ginzburg, é necessária a “distância”, a presença da noção de “estranhamento”, uma espécie de antídoto contra a banalização da realidade a que se está sempre sujeito e que parece estabelecer uma rotina do cotidiano.⁸

No nosso caso foi ainda mais difícil manter este distanciamento recomendável, na medida em que se tratava de um objeto muito conhecido e carregado de significado afetivo.

O processo de individualização, vivido ao longo do século XX, fez com que se desenvolvessem práticas culturais que ajudaram o homem moderno a construir e preservar a sua identidade. Os diversos tipos de práticas culturais, tais como elaboração de autobiografias, diários, recolhimento de fotos e/ou cartões postais e até mesmo objetos do cotidiano, foram aceitos, desenvolvidos e transformados na medida em que permitiam construir a história do indivíduo e do grupo a que pertencia.

Sempre houve homens-memória e mulheres-memória, cuja função primordial consistiu em manter viva a lembrança daquilo cujo esquecimento acarretaria a morte.

No caso desta família, foi sua filha Haydée (figura 1) quem desenvolveu esta função, preservando o diário de seu pai, Joaquim de Sampaio Ferraz, e protegendo fotos, documentos e objetos que contavam muito da sua vida, verdadeiros *churinga*⁹ da família.

Ela própria era uma exímia contadora de estórias; dizia sempre que o passado recente podia ser apagado, esquecido, mas que os anos mais recuados de sua vida tinham se mantido quase que intactos.



Figura 1 - Joaquim de Sampaio Ferraz e sua filha Haydée

⁸ GINZBURG, C., *Olhos de Madeira; nove reflexões sobre a distância*. p. 98.

⁹ Citação de Celso Castro: “O objeto físico preservado, o caderno em si, e não apenas o seu texto transcrito em outros suportes, possivelmente tinha a mesma função que Levi-Strauss atribuiu a *churinga*, objetos de culto dos aborígenes australianos que representam a reencarnação do antepassado”.

Conseguiu interessar-me pelos acontecimentos familiares dando sempre um colorido próprio e exercendo a censura na sua narrativa e a fidelidade aos segredos imperscrutáveis.

Enquanto os irmãos temiam o diário pelo que ele poderia conter, ela se animava com um trabalho que pudesse através do mesmo ser construído.

O seu último ano de vida foi amenizado no sofrimento que lhe acarretou, com as conversas intermináveis, enternecedoras, que tanto me ajudaram a entender o autor/personagem do diário.

Assim, houve sempre um diálogo entre autor do diário que viveu por escrito e de sua filha, aquela que se lembrou. Houve uma intermediação de Haydée Godoy, o trabalho de seu pai, que zelosamente protegeu e valorizou, e o meu. Coube a mim, sua filha, “a tarefa interminável de fazer da memória a arte de dizer da vida¹⁰”.

¹⁰ Com essa frase Margarida de Souza Neves termina o capítulo *As artes da memória: A modo de Post-Scriptum*. do livro *Refúgios do eu, educação, história, escrita autobiográfica*, na página 236.